

## SUMÁRIO



28

### Maria do Rosário Pedreira «Portugal é muito pequenino e detesta o sucesso alheio.»

É enquanto editora que a poetisa Maria do Rosário Pedreira se sente realizada. Escreveu um romance, e apenas um, porque dedica a maior parte do seu tempo aos romances dos outros. Uma conversa sobre a ligação aos seus autores, o mundo da edição e a poesia que não sabe se irá publicar. **Entrevista de Bruno Vieira Amaral.**

### Soluções impossíveis para problemas insolúveis.

«Quis aprender a ler por causa daqueles comics, o melhor de dois mundos, ilustração e texto que me esforcei para decifrar. Desenhei muito e aprendi que também se desenhava com palavras. Tive esse privilégio: os meus pais e a minha avó sempre alimentaram aquele que foi o meu primeiro vício, o da leitura. Meti-me por esses maus caminhos e a porta de entrada foi a banda desenhada.» **Texto de Filipe Homem Fonseca. 115**



### Svetlana ou a hiperliteratura 120

Há 30 anos que Svetlana Aleksievitch apura uma técnica a meio-caminho entre o jornalismo e a ficção. Através do registo e da colagem de testemunhos individuais, pretende compor um fresco vivo e o mais humanizado possível do tempo histórico. A proeza valeu-lhe o Prémio Nobel da Literatura em 2015. **Texto de Filipa Melo**



62

### Vergílio Ferreira Luiz Pacheco

Serem contemporâneos, escreverem na mesma língua e viverem no mesmo espaço não é o suficiente para dois escritores criarem laços. Mas no caso de Pacheco e Vergílio Ferreira, há histórias. **Texto de António Cândido Franco.**



54

### A mulher do açor

Helen Macdonald conta que, aos seis anos de idade, tentava dormir com os braços dobrados atrás das costas como se fossem asas; 30 anos depois escreveu *A de Açor*. **Entrevista de Bruno Vieira Amaral.**

### O regresso de Clarice Lispector 130

Depois de ter acendido o interesse por Clarice Lispector nos EUA, com uma notável biografia da escritora, Benjamin Moser reuniu pela primeira vez, e num só volume, os 85 contos da autora de *Laços de Família*. *Todos os Contos* amplia ainda mais a universalidade de Lispector e mostra-nos, como num espelho, uma imagem da sua vida. **Texto de José Mário Silva.**

# R

Diretor Francisco José Viegas Editor-adjunto Bruno Vieira Amaral Design e Projeto Gráfico José Campos de Carvalho Fotografia Pedro Loureiro Secretariado da Revista Maria José Pereira Revisão João Assis Gomes Colaboram neste número Abel Barros Baptista, Alice Geirinhas, António Cândido Franco, Carla Maia de Almeida, Clara Macedo Cabral, Eugénio Lisboa, Fausta Cardoso Pereira, Filipa Melo, Filipe Homem Fonseca, Hélder Beja, Ivone Mendes da Silva, João Leal, José Mário Silva, José Marmeleira, José do Carmo Francisco, José Riço Direitinho, Leonor Baldaque, Luís Naves, Luiz Santos-Rosa, Pedro Loureiro (fotografia), Pedro Vieira (ilustração), Ruy Ventura, Tiago Cavaco, Tiago Moreira Ramalho, Vaco Rosa Redação & Administração Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1; 1500-499 Lisboa; Tel. 217 626 000; Fax 217 609 592; ler@circuloleitores.pt.

Assinaturas Maria José Pereira Publicidade Marta Serra Controlo de Gestão Teresa Gomes Produção Teresa Reis Gomes Impressão Bloco Gráfico, Lda. Distribuição para Livrarias Distribuidora de Livros Bertrand Distribuição para Bancas Vasp

Assinaturas assinaturas.ler@circuloleitores.pt © LER, 2016 © FUNDAÇÃO CÍRCULO DE LEITORES, 2016

Depósito legal 18577/87 Registo da ERC nº 112 525 de 8/9/1987. ISSN 0874-2847. ISBN 978-972-8493-08-0 Tiragem de 7 000 exemplares. Preço por número em Portugal (Cont.): €6,00



Todos os textos são publicados segundo o Acordo Ortográfico em vigor. Excetuam-se os de alguns cronistas e eventuais extratos de obras citadas.

# VERGÍLIO FERREIRA & LUIZ PACHECO HISTÓRIA DUMA AFINIDADE LITERÁRIA

Serem coetâneos, escreverem na mesma língua e viverem no mesmo espaço não são o suficiente para dois escritores criarem entre si laços de parentesco, susceptíveis de serem avaliados pelo intérprete como factos de interesse. Quantos e quantos escritores se cruzaram quase todos os dias sem que seja possível ver nisso a mais leve sugestão de proveito. Para criarem uma história comum que valha a pena ser contada, dois escritores necessitam de desenvolver ideias afins, ou pelo menos de se aliarem em algum momento, integrando-se assim num mesmo contínuo vivo e em idêntico círculo de convívio.

Texto de ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

Nada hoje deixa antever que Luiz Pacheco (1925-2008) e Vergílio Ferreira (1916-1996) tenham mantido entre si um relacionamento digno de nota. O primeiro nasceu e criou-se em Lisboa, tendo frequentado a Faculdade de Letras da cidade na segunda metade da década de 40 e ingressado nesse mesmo período na Direcção-Geral de Espectáculos onde se manteve até 1959, altura em que abandonou Lisboa para deambular à sorte pelo País (Almoinha, Sertã, Setúbal, Caldas da Rainha, Lisboa, Massamá, Montijo, Celas, Lagos, Torres Vedras...), enquanto o segundo nasceu nas serranias da Beira, estudou em Coimbra, praticou em vários liceus do país, fazendo uma carreira estável, e só mais tarde, já na década de 60, veio para Lisboa, onde se arrumou.

Como autores, as obras também pouca proximidade mostram. Pacheco dedicou-se a uma crítica literária demolidora, na linha da ensaística pedagógica sergiana, servida porém por poderosos meios

de fabricação do cómico que Sérgio desconhecia, e a uma narrativa curta, de matriz surrealista, com forte apego ao *nonsense*, que apelidou *neo-abjeccionista*. Vergílio Ferreira, por seu lado, entregou-se ao ensaio reflexivo e denso, sem propósitos pedagógicos e sem a mais leve tinta de humor, e legou um vasto e variado ciclo romanesco, que brotou no seio do neo-realismo coimbrão, floresceu por dentro do existencialismo e acabou por declinar nos territórios ocultos do *nouveau roman* francês e do estruturalismo – e a este Pacheco mostrou-se sempre indiferente e até jocosamente reactivo.

Não obstante as divergências e o que possa haver de diferença geracional entre eles, já que o beirão era mais velho nove anos, o laço entre os dois existiu, manteve-se, aprofundou-se mesmo ao longo de quatro demoradas décadas, mostrando-se assim, malgrado as tensões que se apontam na parte final, ou até por causa delas, um dado significativo para o conhecimento de cada um deles e do maior interesse para o estudo geral da época.